A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO ENSINO DE TEMPORALIDADES RECUADAS: UM ESTUDO DE CASO NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE UBERABA-MG[1]

THE DIAGNOSTIC ASSESSMENT IN THE TEACHING OF OLD TEMPORALITIES: A CASE STUDY IN BASIC EDUCATION FROM UBERABA-MG

Lucas Martins Vieira[2]
Cláudia Regina Bovo[3]

Resumo: Por que ainda somos questionados sobre a razão de nos dedicarmos à pesquisa e ao ensino da Idade Média no Brasil? Perguntar-se sobre o sentido de nossa atuação profissional e o lugar dela num ambiente marcado por embates políticos pelo ensino de história tem sido constante. Muitos especialistas em ensino de história defenderam recentemente a extinção dos conteúdos históricos relativos ao ensino da Idade Média na Educação Básica brasileira, justificando já haver saber eficiente sobre esses conteúdos. Diante desse cenário de dados, a fim de melhor contextualizá-los e colocá-los em confronto com a realidade escolar que conhecemos, propusemos uma pesquisa diagnóstica sobre a aprendizagem da Idade Média nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Ensino Médio da cidade de Uberaba/MG. Os resultados alcançados foram esclarecedores e demonstraram a necessidade de se pensar o lugar da cultura histórica e da história pública na formação histórica dos nossos jovens.

Palavras-chave: Avaliação Diagnóstica; Ensino de História; Idade Média.

Abstract: The questioning about why to research and teaching Middle Ages in Brazil is usual. Recently many experts in history teaching defended the extinction of the Middle Ages contents in Brazilian Basic Education, justifying that there is already efficient knowledge about these contents. This perspective seemed to contradict ours viewpoint about the domain of Middle Ages knowledges in Uberaba's Basic Education. We proposed a diagnostic assessment about the learning of the Middle Ages in the public elementary and secondary schools from Uberaba - MG to clarify the matter. The results demonstrated the need to think about the place of historical culture and public history in the historical formation of our youth.

Keywords: Diagnostic Assessment; History Teaching; Middle Ages.

Nos últimos 40 anos encontramos diversos estudos sobre a realidade educacional brasileira, as deficiências de seu sistema educativo, as políticas públicas implementadas e revistas na tentativa de enquadrar o conjunto da educação básica em posições melhor ranqueadas nos índices de desenvolvimento humano. Nesse sentido, há pelo menos três décadas o debate em torno das especificidades do ensino de história e suas contribuições para formação intelectual e cidadã tem ocupado lugar de destaque entre professores e historiadores. Para que serve a história na Educação Básica e o que justifica a

[1] Resumo do relatório de pesquisa de Iniciação Científica "Os desafios do ensino de temporalidades recuadas na educação básica: o cristianismo medieval", desenvolvido entre Agosto de 2017 e Julho de 2018 e fomentado pela Fapemig.

[2] Graduando em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: vulvandreamentos@gmail.com.

[3] Orientadora da pesquisa. Professora de História Medieval do Departamento de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro E-mail: claudia.bovo@uftm.edu.br.

manutenção da história como uma disciplina escolar são algumas das questões que norteiam esse debate. Os autores que discutem a história da educação brasileira defendem que a responsabilidade pelo desinteresse crescente pela disciplina de história na educação escolar vem da prática de ensino pouco reflexiva dessa disciplina. Persistimos em ensinar uma história "pronta e acabada", que não atribui papel ativo ao estudante e não o estimula a participar dos processos de construção do conhecimento histórico.

Portanto, à medida que aumenta a disponibilidade de história nos meios de comunicação e na sociedade em geral, diminui a crença na capacidade da história disciplinar dotar as pessoas de habilidades para a decodificação do mundo. Como já salientou Isabel Barca, o desinteresse pela história vem normalmente por se ignorar seu processo de constituição.[4] Ou seja, enquanto persistimos em associar a história disciplinar a ideia de uma narrativa contínua de causas e efeitos que deve ser partilhada por um agente do saber (professor) com um número considerável de estudantes que supostamente não sabem nada dela, permaneceremos ignorando seus pressupostos básicos: sua capacidade de ser recontada, refeita e reapropriada.

A inquietação que motivou nossa participação e envolvimento na coleta de dados sobre a aprendizagem de história na educação básica da cidade de Uberaba nasceu do projeto "A constituição das ortodoxias religiosas no Mediterrâneo Antigo e Medieval: documentos e métodos", financiado pela FAPEMIG, cujo objetivo inicial era selecionar e adquirir documentos históricos para se investigar os processos de constituição, consolidação e contestação de religiões e religiosidades, em especial as tradições ligadas ao cristianismo, nas sociedades que se estabeleceram ao longo do Mediterrâneo entre os séculos I (a.C.) e XVI. Durante o processo de pesquisa a equipe deparou-se com a necessidade de diagnosticar o interesse e o conhecimento prévio de estudantes da educação básica e superior sobre as religiosidades antigas e medievais. Os dados primários coletados junto às escolas de educação básica e aos estudantes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro/UFTM diagnosticaram desconhecimento sobre cronologias tradicionais das temporalidades recuadas, bem como nenhum domínio à respeito de noções historiográficas consolidadas sobre as religiosidades desses períodos históricos mais antigos.

[4] BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. **História. Revista da faculdade de Letras.** Porto. III Série, vol. 2, 2001, p. 13-21.

Em contraste, nos deparamos com os resultados correntemente divulgados pelo projeto *os Jovens e a História*[5] que apontaram o domínio dos alunos dos conhecimentos relativos às periodicidades distantes como a História Antiga e Medieval. Com base nesses dados, em parecer ao texto preliminar do componente curricular História para a *Base Nacional Comum Curricular* de 2015[6], o coordenador geral do projeto Prof. Dr. Luis Fernando Cerri, justificava a diminuição e até exclusão dos conteúdos históricos relativos a essas temporalidades recuadas na BNCC, sugerindo que os dados do Mercosul comprovavam um saber eficiente sobre esses conteúdos por parte dos estudantes entre 15 e 16 anos.

Neste contexto que diagnostica um ensino de história deficitário na educação básica e imputa parte desse déficit ao ensino de componentes curriculares tão marginais, como é o caso da História Antiga e da História Medieval, fazer um levantamento sobre o domínio de saber dessas temporalidades recuadas e como a cultura histórica, muitas vezes, condiciona a aprendizagem em história, apresentou-se como grande meta da última etapa do Projeto "A constituição das ortodoxias religiosas no mediterrâneo Antigo e Medieval: documentos e métodos", desenvolvido junto ao LABEMAM - *Laboratório de Estudos do Mediterrâneo Antigo e Medieval* da UFTM.

Para analisar os conhecimentos prévios sobre Idade Média que alunos da educação básica da cidade de Uberaba dominavam foi necessário criar um instrumento de avaliação diagnóstica do ensino de história. A fim de identificar os conteúdos a que os alunos tiveram acesso, mas principalmente, elementos gerais de onde tiravam suas referências, a avaliação diagnóstica tornou-se um procedimento valorativo da realidade do processo de ensino e aprendizagem e um instrumento muito útil de coleta de dados para analisar a

[5] Os dados do projeto *Jovens e a História no Mercosul* é uma iniciativa multi-institucional de vários pesquisadores latino americanos dedicados à pesquisa sobre o Ensino de História. O objetivo é fazer um levantamento quantitativo sobre a consciência histórica, cultura política e percepções de aprendizagem de jovens entre 15 e 16 anos nos países integrantes do Mercosul. O projeto é desenvolvido desde 2012 e atualmente apresenta em conferências e artigos os resultados da coleta de dados, cujos formulários estão disponíveis para acesso *online*. Um extrato dos dados do projeto foi utilizado pelo professor Luis Fernando Cerri em conferências e artigos e o ajudou, enquanto coordenador geral do referido projeto, a fundamentar o parecer dado à primeira versão da Base Nacional Comum Curricular. Atualmente, incluiu-se no levantamento de dados Chile e Venezuela. Disponível em: http://proyectozorzal.org/investigacion/?lang=pt-br. Acesso em: 13/09/2017. Os Artigos relacionados já publicados são: CERRI, L. F., Los jóvenes brasileños y argentinos frente a la Historia, *Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales*. Mérida-Venezuela. ISSN 1316-9505, Enero-Diciembre. N. 12 (2007), pp. 31-50. Conferências disponíveis *online*: https://www.youtube.com/watch?v=Nm-kj4gAFKQ&t=166s. Acesso em: 20/09/2017.

[6] Infelizmente no site da BNCC não estão mais disponíveis os arquivos dos pareceres emitidos. Apesar disso, é possível consultar o parecer de Luis Fernando Cerri nos seguintes endereços: CERRI, Luís Fernando. **Parecer para texto preliminar do componente curricular História para a Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: https://drive.google.com/open?id=1_CdWXvnBBvREH_ZcmdmqRrtuPTdIZpFT. Acesso em: 12/08/2018. Disponível em: https://groups.google.com/forum/#!msg/gtensinoanpu/Q58g5ZfV-4I/5cA555j7CQAJ Acesso em: 14/08/2018.

qualidade do ensino na educação básica. Geralmente realizada por educadores para diagnosticar os pontos fracos e fortes dos alunos em áreas específicas do conhecimento[7], a avaliação diagnóstica permite identificar a necessidade de retomadas de conteúdo, de novos procedimentos didáticos e, até mesmo, auxilia no levantamento de hipóteses sobre as causas não pedagógicas dos fracassos na aprendizagem. Segundo Swearingen, "medir, antes do processo de aprendizagem, cada deficiência, competência, fraqueza, conhecimentos e habilidades, permitirá que o professor oriente seus alunos e ajuste o currículo para suprir suas demandas e necessidades"[8].

Dentro dessa metodologia de levantamento de dados identificamos a necessidade do desenvolvimento de formulários que permitissem considerar o contexto no qual os entrevistados se inseriam. Foram feitas questões abertas sobre elementos da cultura histórica que pudessem subsidiar a aproximação prévia desses estudantes com a História Medieval. Além disso, buscou-se através de questões de múltipla escolha oferecer opções de resposta que estivessem aliadas às versões mais recentes trabalhadas em pesquisas historiográficas. Inicialmente foi feito um levantamento de dados sobre o ensino de Idade Média no currículo escolar de Uberaba. Foi definido um questionário simplificado contendo 5 questões referentes exclusivamente ao período da Idade Média. As questões presentes, eram de múltipla escolha, exceto a que se referia ao momento em que ouviram ou aprenderam sobre a Idade Média.

Idealizadas de forma a permitir que o aluno pudesse identificar facilmente qual era a alternativa correta, as questões tinham apenas uma opção que não representava os debates historiográficos recentes sobre Idade Média. O objetivo inicial era de se trabalhar com questões abertas a fim de utilizar os próprios instrumentos de conceituação empregados pelos estudantes, para assim designar o tipo de conhecimento que dominavam sobre esse período histórico. Entretanto, percebeu-se que as questões abertas tenderiam a criar um universo de respostas cuja mensuração e tabulação de dados tornariam a síntese dos resultados impossível de ser concluída em 1 ano. Portanto, com o intuito de mensurar o nível de conhecimento dos alunos de maneira mais rápida e também observar como se comportavam diante de um questionário idealizado intencionalmente com todas as respostas indicando uma interpretação

[7] LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2003.
[8] SWEARINGEN, Richard. **A Primer: Diagnostic, Formative, & Summative Assessment.**2002. Disponível em: http://www.ewcupdate.com/userfiles/assessmentnetwork_net/file/A%20Primer_%20Diagnostic,%20Formative,%20&%20Summative%20Assessment.pdf. Acesso em: 20/09/2017.

possível e correta sobre o que foi perguntado, trabalhou-se com formulários de múltipla escolha.

A compreensão inicial de que grande parte dos alunos desconhece a Idade Média histórica pode ser apreciada nos gráficos abaixo.

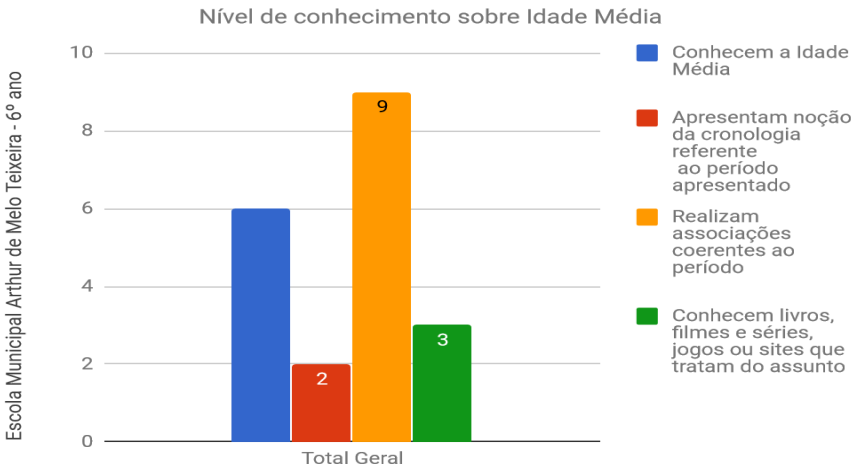

Figura 1 - Gráfico indicativo dos níveis de conhecimento sobre Idade Média dos alunos da Escola Municipal Arthur de Melo Teixeira em Uberaba/MG

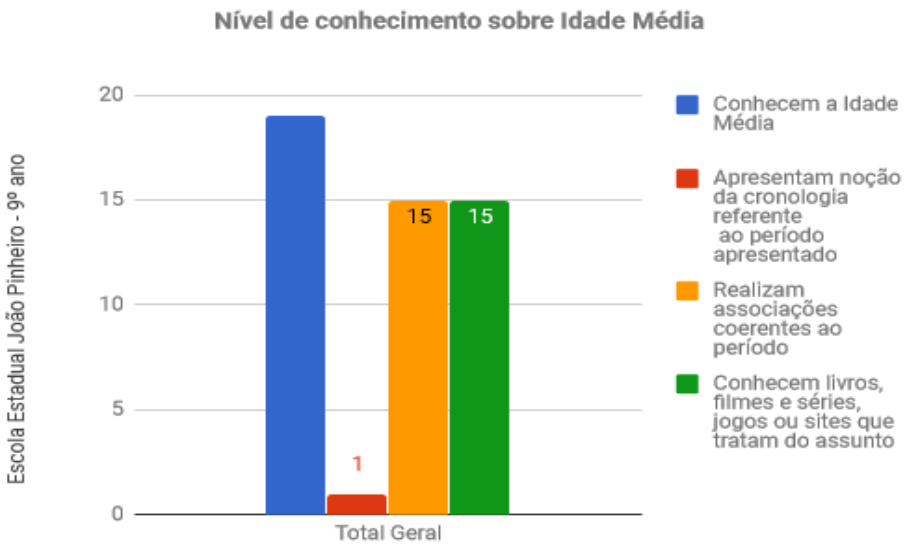

Figura 2 - Gráfico indicativo dos níveis de conhecimento sobre Idade Média dos alunos da Escola Estadual João Pinheiro em Uberaba/MG

Dos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Arthur de Melo Teixeira entrevistados, apenas 6 tinham conhecimento sobre o período histórico Idade Média, 2 possuíam noção da cronologia referente à Idade Média, 9 associaram de maneira coerente o período às proposições contidas no questionário e apenas 3 conheciam filmes, séries, sites ou jogos com referência a essa temporalidade. As associações realizadas, só foram possíveis

porque os questionários tinham somente alternativas corretas, visto que a maioria ignorava a cronologia da Idade Média e poucos dos entrevistados foram capazes de realizar vinculação dos produtos culturais midiáticos à essa temporalidade. Quando comparamos esses dados àqueles da Escola Estadual João Pinheiro, podemos observar que dos 19 entrevistados, todos afirmaram conhecer o período histórico Idade Média, mas apenas 1 estudante conseguiu estabelecer a cronologia referencial desta temporalidade. É interessante frisar que na pesquisa, um número relevante de alunos não sabia precisar em que momento aprenderam sobre este período histórico, mas aqueles que responderam afirmaram ter sido na escola o momento de contato com essa periodização.

Em relação ao Ensino Médio, os dados coletados apresentam resultados interessantes. Houve um avanço no que tange ao domínio de cronologia. A maioria dos entrevistados apresentou uma noção de cronologia referente sobre Idade Média. Hipóteses possíveis para responder esse avanço em relação ao domínio cronológico é o fato de em ambas as escolas pesquisadas os estudantes terem acabado de estudar conteúdos relativos à Idade Média. Entretanto, apesar do estudo recente identificado, poucos estudantes conseguiram fazer associações coerentes com a Idade Média. Mesmo em um questionário contendo a maioria das alternativas corretas e coerentes às perguntas, os alunos demonstravam insegurança na escolha, deixando em branco a questão sobre "ao que associavam à Idade Média" ou optando pela resposta "todas as alternativas estão corretas".

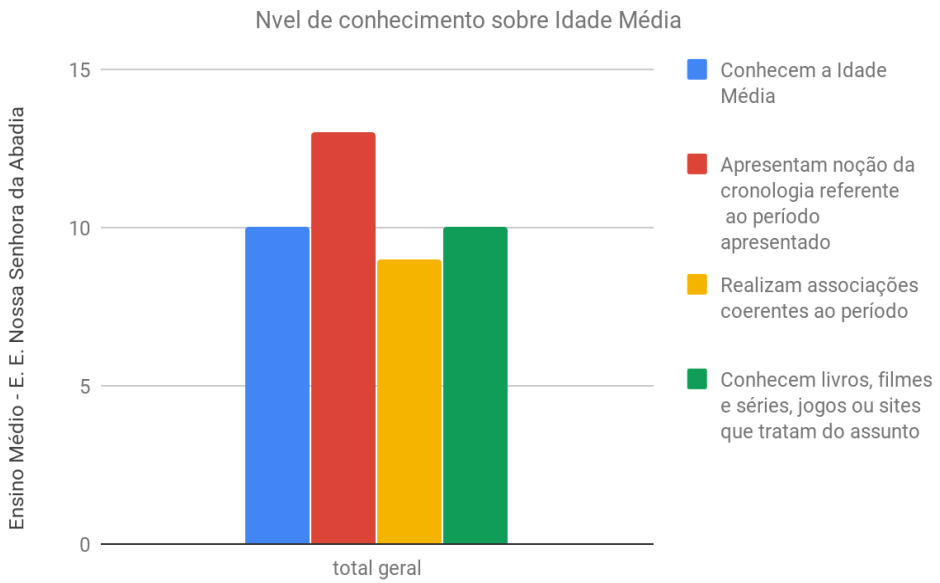

Figura 3 - Gráfico indicativo do nível de conhecimento sobre Idade Média - Escola Estadual Nossa Senhora da Abadia/Ensino Médio

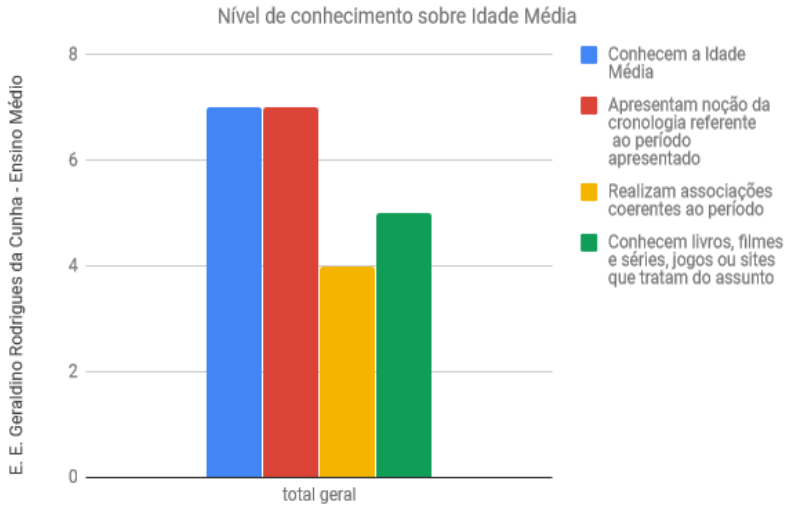

Figura 4 - Gráfico indicativo do nível de conhecimento sobre Idade Média- Escola Estadual Geraldino Rodrigues da Cunha/Ensino Médio

Sobre as concepções dos alunos à respeito da Idade Média, observou-se o prevalecimento da visão disseminada no senso comum de que na Idade Média as relações sociais eram marcadas pela "exploração camponesa" por parte dos setores da aristocracia social, tais como os membros do clero, reis e "nobres". Esse resultado foi comum tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio de Uberaba, como podemos verificar no gráfico abaixo:

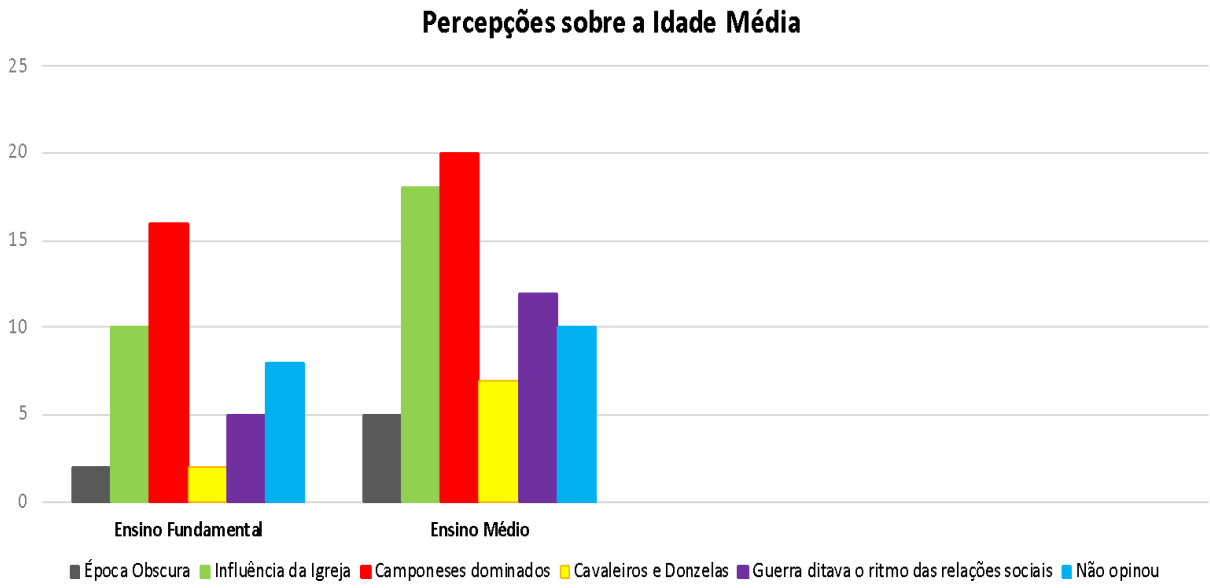

Figura 5 - Gráfico comparativo do saber de referência sobre a Idade Média no ensino fundamental e médio de Uberaba

Ao questionar-se os motivos para o prevalecimento dessa visão sobre as relações sociais na Idade Média, as respostas possíveis estão atreladas a três hipóteses localmente verificadas: 1. as versões historiográficas ensinadas nas salas de aula estão vinculadas às produções historiográficas dos anos 1980, que tendiam a ver o camponês como figura histórica passível de vitimização[9]. Toda complexidade das pesquisas atuais sobre as relações sociais medievais, bem como o estudo de sua dinâmica que não pode ser simplificada na dicotômica categoria *explorados x exploradores*, está ausente da formação inicial e continuada dos professores entrevistados; 2. Nos materiais didáticos disponíveis para os alunos entrevistados encontram-se a explicação da existência de uma sociedade estamental, cuja organização social está pautada na representação iconográfica de uma pirâmide. O topo da pirâmide é ocupado pela minoria da população, pertencente à aristocracia eclesiástica e/ou monárquica, enquanto na base se encontra o camponês/servo. Numa típica vulgarização da teoria das três ordens estudada por Georges Duby e divulgada em edições portuguesas de suas obras[10], a representação iconográfica não consegue dar conta da complexa explicação atrelada a essa teoria, muito menos circunscrevê-la ao tempo e ao espaço determinados pela pesquisa desse historiador; 3. Aparecendo como um explicação genérica para o modo de organização da sociedade medieval em seus quase mil anos de história, a representação iconográfica da pirâmide estamental da Idade Média também está presente na cultura histórica materializada em produtos do entretenimento que esses estudantes informaram ter acesso.

Considerações Finais

Com base no processo de aplicação dos questionários e também nos dados coletados durante a realização do projeto, percebeu-se que a realidade escolar enfrentada pelos alunos, pode ter influência direta na forma como os mesmos recebem o questionário - com surpresa, assustados ou aptos à sua realização - e isso influi da mesma forma no resultado obtido. Nas escolas onde as condições básicas de sobrevivência dos alunos eram melhores, parecia haver uma maior preparação para o preenchimento dos formulários. A presença do avaliador e o questionário parecia não exercer a mesma pressão nesses alunos

[9] Sobre essa abordagem historiográfica ver: ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995. Para contextualizar essa abordagem indicamos os manuais universitários: FRANCO, Hilário Júnior. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001; LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005; BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

[10] DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo.** Lisboa: Estampa, 1982.

como exerceu naqueles vinculados a escolas expostas a situações de risco social. De acordo com Alice Xavier:

> Enquanto uma etapa *concreta* das atividades de pesquisa, a aplicação de questionários tende a se constituir em um trabalho de pouca reflexão. Além da observação de como os itens se *comportam*, se são de difícil compreensão ou não, pouco se observa sobre o comportamento dos respondentes, suas reações, oralizadas ou não, em relação ao instrumento e ao formato da aplicação[11].

Observou-se também a possibilidade de condicionar a obtenção de resultados através do uso de questionários que ofereçam respostas dirigidas, cujo teor induza os alunos ao erro ou acerto. Mesmo oferecendo maior possibilidade de acerto sobre as associações possíveis à Idade Média, os alunos em sua maioria optaram pela alternativa mais fácil "todas estão corretas" ou preferiram deixar a resposta em branco, justamente porque ignoravam as opções possíveis. Nesse sentido, a pesquisa indicou a necessidade de maiores estudos na área do desenvolvimento de questionários que visam mensurar o conhecimento construído dentro dos ambientes escolares, sejam eles acadêmicos ou não, bem como apontou para a necessidade de pesquisas específicas sobre Didática da História[12]. Quando buscamos compreender o por que da desconexão entre os conteúdos e debates historiográficos ministrados nos cursos História Medieval das universidade, os conteúdos presentes nos livros didáticos e a abordagem dada pelos professores a esses temas, pretende-se identificar o que motiva o distanciamento entre esses suportes de saber.

A avaliação diagnóstica nos ajudou a verificar se os alunos dominavam a habilidade de periodizar e se conseguiam diferenciar experiências históricas sobre a Idade Média de experiências contemporâneas. Foi notável como os alunos apresentaram um conhecimento precário e não eficiente sobre os processos históricos medievais, o que possivelmente pode ser verificado sobre outras temporalidades e eventos históricos. Nesse sentido, permitir que os jovens criem uma concepção do que representam os períodos históricos somente através de filmes, documentários ou da internet pode ser um risco. Como já afirmamos anteriormente,

[11]XAVIER, Alice Pereira. Uma visão antropológica da aplicação de questionários na pesquisa em educação. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 44, p. 293-307, Junho 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05/06/2018.

[12]Ver: CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática da História. **Revista Brasileira de História.** SP. V. 26, n. 55, p. 155.170. SCHMIDIT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tania. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Caderno Cedes,** Campinas, vol. 25, n. 67, 2005, p. 297-308. SCHMIDIT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rünsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

> ao menos no que diz respeito à realidade escolar brasileira, o esvaziamento teórico da história escolar, a nefasta divisão entre o dito conteúdo histórico e a pesquisa histórica têm provocado a inabilidade em tornar esse encontro das diversas narrativas históricas propositivo e problematizado pelo viés da história disciplinar. Não estamos habilitando jovens a conhecer os elementos que forjam o pensar histórico[13].

Se não nos envolvermos em identificar de onde vem as narrativas sobre o conhecimento histórico que os alunos carregam e nos esforçamos para habilitá-los a desnaturalizar esses conhecimentos, mais uma vez fracassaremos em tornar o ensino de história emancipador e crítico.

[13] BOVO, Cláudia Regina. El tiempo en cuestión: ubicar la Edad Media en la actualidad. **Revista de Estudios Medievales** (Chile), Número 11, enero - junio 2017, 134-155. Ver também: BOVO, Cláudia Regina. Por que Idade Média? Dos motivos de se ensinar História Medieval no Brasil. In: TORRES FAUAZ, Armando (Coord.) **La Edad Media en Perspectiva Latino Americana**. Heredia: Editora Universidad Nacional da Costa Rica, 2018, p. 257-277.